



Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

11 de Setembro de 1999 • Ano LVI - N.º 1448  
Preço 40\$00 (IVA incluído) — Propriedade da Obra da Rua Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Carlos • Chefe de Redacção: Júlio Mendes  
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560 Paço de Sousa  
Tel. (055) 752285 - FAX 753799 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239



Paço de Sousa: A moldura verdejante e a descontração dos gaiatos — em sua Casa — dão mais valor aos produtos da nossa horta.

## África

**A gente tem vergonha, quase escrúpulo, de andar agasalhado...!**

**N**AQUELA terça-feira, a meio da tarde, desesperando de um telefonema há tantos dias esperado a dar a boa nova da ordem de embarque para Malanje, telefonei eu ao nosso Álvaro, para a Biblioteca da Embaixada de Portugal que ele dirige, só pela necessidade de desabafar. Mal eu sabia que o Álvaro, professor vários anos em N'Dalatando, convivera aí, de perto, com o actual Chefe do Terminal Militar no Aeroporto de Luanda. «Deixe, que eu vou falar-lhe; e vamos a ver...!» — me disse. Pois viu-se mesmo! À meia-noite entregava ele a credencial que me abria as portas do Terminal; e às cinco e meia da madrugada de quarta-feira lá estava eu pronto a embarcar. E voei, muito feliz, até com o requinte sabroso de ter revisto as minhas estimadas «Pedras Negras da Rainha Ginga» em Pungo Andongo!

Era o princípio da manhã. Mas quando na cidade se dá conta de um avião a fazer-se à pista, não falta quem acorra ao aeroporto. Privilégio das terras pequenas! Sem ter tido tempo de avisar fosse quem fosse, encontrei quem esperava e desejava e o nosso Joãozinho que me trouxe aqui.

A nossa Casa continua o cantinho acolhedor que sempre foi e é, cada vez mais, pelo contraste da desolação que nos rodeia. Em Casa pareceu-me tudo em boa ordem. A função favorece o descobrimento do órgão. E aqui, a falta forçada do pai-de-família, colaborou na eficiência do princípio: «Obra deles, para eles, por eles».

Se o Mundo fosse este nosso mundo, aqui seria pacífica e feliz a vida. Ape-

sar de todas as carências que obrigam a uma vida bem austera, há o essencial — porque o essencial é a boa disposição no dispormos do que temos ao alcance, em harmonia, sem veleidades. Nem sombra de saudade ou cobiça das abundâncias que devastam o Norte do Mundo! Mas menos ainda fosse, é verdade!, a fome que destrói e esteriliza a vida neste Sul com que o Norte está tão comprometido.

Eu julgava que a experiência em Benguela, o ano passado, me tinha habilitado: aquele cortejo de «preocupações» que todo o dia desfilava pela nossa Casa. Não, não estava preparado para este encontro frontal com a

fome, que se vê sem ser preciso ouvir dizê-la, sem que haja voz, sequer, para a dizer. É um diálogo de olhares, às vezes, ciciando sons que não consigo perceber. Mães com o filhinho às costas debruçado sobre um teto seco, que ela, não comendo, não tem que dar de comer. São estes mesmos bebés, na idade em que os meninos tomam leites especiais comprados na farmácia, a comer sôfregamente colheradas de papa de milho cozinhada, quantas vezes, grosseiramente. São miúdos e adolescentes apanhados a rapar do chão sujo da carrinha bocaditos de papa que, com os balanços do péssimo caminho, inevitavelmente saltam do panelão que todos os dias levamos e garante a única refeição dos presos da Comarca. É este encontro com uma «Justiça» que condena à prisão... e, implicitamente, à morte pela fome..., não houvesse quem se doesse e a mitigasse. É um Hospital, onde aos doentes aconteceria o mesmo, não fora uma organização privada que lhes leva de comer.

Continua na página 4

### MALANJE

## O apelo de leite para os Desnutridos de Malanje

**O** apelo de leite-em-pó para os Desnutridos — adultos e crianças — de Malanje, feito na RTP e n' O GAIATO, foi um lume que ateou em tantos corações. Corações sensíveis e abertos à dor dos Irmãos.

Muitos nos perguntaram:

— Quem tem a culpa da guerra e da fome?

Sabemos, simplesmente, que aqueles que sofrem são vítimas inocentes e sem voz.

Se os nossos Irmãos nos pedem pão, vamos atirar-lhes pedras? O Evangelho diz que não. E — os cristãos — devemos deixar que os nossos corações eutrem e sigam pelos caminhos do Evangelho.

Foi, como referi, uma fogueira viva!: Uns com leite, outros com importâncias para o comprar, paróquias com arroz, a Cruz Vermelha com seiscentos sacos de leite, um industrial do Norte com uma tonelada de conservas, Instituto de Cooperação Portuguesa com promessa de leite.

Não nos foi possível fixar nomes, o Senhor vê e conta.

O gesto de amor e sua intensidade dum senhor que, às escondidas e pedindo segredo, me entregou dois mil contos; e o duma velhinha que, com lágrimas, me deu cinco contos — foram iguais diante de Deus.

Sinto que a *procissão* está no começo e irá dar uma grande volta movendo os

Continua na página 3

### TRIBUNA DE COIMBRA

## Enfermeira aposentada

**A** senhora D. Albertina esteve connosco quase um mês. Prometeu voltar com mais tempo e disponibilidade. Enfermeira aposentada, há algum tempo, não quer ficar «tolhida», pese bem a justeza da reforma e o lugar disponibilizado aos mais novos.

Veio e gostou do modo afável dos miúdos e diante das traquinices de um ou outro soube desculpar e cativar. Com simplicidade surpreendente, assumiu várias tarefas como se há muito conhecesse os cantos à Casa. Na cozinha, na complicada sala de costura, nas limpezas e até na copa. Mas, quando os miúdos descobriram que o seu jeito era mesmo a saúde, a nossa pequena farmácia conheceu uma enchente nada usual de pequenos «enfermos». Tantas feridas! Todos queriam ser curados ou vistos pela senhora. Trouxe ideias novas. Apresentou-as com espontaneidade sadia e simplicidade contagiante afrontou a rotina que, de forma sub-reptícia e quase involuntária, se instala e perigosamente se condensa na forma inquestionável do «sempre assim foi... sempre assim se fez».

Foi mesmo muito bom ter vindo, e que regresse em breve. Quanto mais constatamos e apreciamos o genuíno espírito da Casa do Gaiato, como *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes*, constituídos estes como recurso humano fundamental na tarefa da coeducação, melhor apreciamos o insubstituível lugar da dimensão e da presença materna e feminina. Indispensável é esta presença em modo de estar e ser actualizados na acção educativa.

Muito nos sensibiliza o espírito de sacrifício e de esquecimento de si-próprias, tão característico das senhoras da Obra da Rua. Quanto nos dói que outras não apareçam apesar dos nossos apelos constantes!

Padre João



# Pelas CASAS DO GAIATO

## Conferência de Paço de Sousa

**RAOUL FOLLEREAU** — Em 1952, na viagem a África, Pai Américo convidou-nos a visitar as cidades do caniço, em Luanda e em Maputo, onde havia cristãos inseridos no meio, leigos e religiosas, dando a sua vida pelos mais necessitados.

Naquele tempo falava-se de cristãos que se despojaram, em benefício dos Pobres; também de Raoul Follereau, que Pai Américo admirava pela sua heroicidade. Citamos parte de um texto de sua obra «A única verdade é amar»:

«Todos os problemas são hoje universais. Só uma alma universal pode abarcá-los, compreendê-los, resolvê-los.

Como forjar esta alma? Como unir os homens? As grandes ideias tiveram um desfecho sangrento, os grandes sonhos foram sepultados no ódio. Só ficou a Caridade. E é pela Caridade que se unirá o Mundo. Pela Caridade se há-de conseguir salvá-lo.

Um homem, seja qual for, onde quer que seja, pense o que pensar, sente apertar-se-lhe o coração perante a injusta miséria. Se está nas suas mãos aliviá-la, faz imediatamente 'um gesto'. É um reflexo natural, é o instinto de 'ser humano' que o impele.

Portanto, aos que não sabem, basta que digas:

— Tendes uma casa?  
— Há milhões de infelizes com frio, sem lar, sem abrigo...

— Almoçastes?  
— Em cada ano, há milhões de seres humanos que morrem de fome.

— Estais doentes? O médico vem imediatamente?  
— Há 700 milhões de seres humanos que nunca viram um médico, 600 milhões que nunca foram vacinados.

— A lepra impressiona-vos e arrepiá-vos?

— Há milhões de leprosos no Mundo... E estes números são do tempo de paz, o balanço dum século civilizado.

Como enumerar hoje os horrores nascidos da guerra...? É tarefa superior à força humana.

Não conseguiremos fazer tudo? Sem dúvida, mas poderemos secar algumas lágrimas, tratar, ensinar, consolar. E, pelo nosso exemplo, arrastar conosco os que são maiores e mais poderosos do que nós.

Lancemo-nos na tentativa de desencadear um movimento universal de Caridade. Cecemos no terreno simples e sagrado da compaixão humana, à união universal.

Procuremos (...) dar a todos os corações o mesmo ritmo de amor e fazer com que os habite a mesma generosidade e o mesmo impulso de Caridade os exalte...

*O egoísta é triste, o egoísta está só, o egoísta finge ser feliz. No meio das alegrias fictícias apercebe-se com angústia que a vida é insípida e absurda porque não é humana. Só a Caridade pode elevar o homem para além da sua condição mortal; é a mensagem de Deus, uma centelha de Eternidade.»*

**PARTILHA** — Senhora da Hora: «Pequena migalha de Julho e Agosto, lembrança dada com carinho» pela assinante 57002, que sabe «quanto são grandes as necessidades dos Pobres».

Dez contos, de D. Maria Augusta, produto dum trabalho manual que reverte «para um doente ou para a reparação da casa dum Pobre — obra que a vossa Conferência tem em mãos». Oferta oportuna!

Porto: «Pequena ajuda — da assinante 59994 — para se mitigar as tristezas de alguém necessitado. Deus vos ajude nessa tão nobre caminhada!».

Às vezes, por discreção, a gente omite o carinho e a delicadeza dos nossos Amigos. Assinante 31254, de Fiães, com um cheque repartido «pela mensalidade de Agosto, outras despesas e medicamentos pagos pela Conferência. Agradeço o anonimato» — que respeitamos.

Mais uma presença do Porto: a assinante 58070 regulariza contas com O GAIATO e o «excedente reverte para os Pobres. Leio sempre o vosso Jornal com muito interesse» — acentua.

Setúbal: «Avó dos cinco netinhos», que «muito vos quer a todos, com a lembrança de Julho».

Outra vez Porto, dez mil, da assinante 25507, que passa por aqui testemunhando amizade por todos nós — e pelos nossos Pobres.

O assinante 33205, de Lisboa, trouxe «uma migalha para a Conferência, cujas notícias leio, desobrigando-me, assim, de várias intenções» — que Deus sabe.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

O nosso endereço: Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, a/c do Jornal O GAIATO, 4560 Paço de Sousa.

Júlio Mendes

## MALANJE

**FESTA** — Os rapazes esmeraram-se sacrificadamente para que pudesse chegar o dia 16 de Julho e celebrássemos animadamente a nossa festa com cânticos, danças, teatro e poesia.

O Chino e os médios encarregaram-se disso, enquanto outros se devotaram à limpeza das casas, dos jardins e da Capela.

Estava tudo preparado e só nos faltava a presença do nosso

Padre Carlos que, infelizmente, só conseguiu sair de Luanda depois do dia 16, ou seja, no dia 21, por falta de voos — não escalavam esta província — o que nos levou a alterar a festa para o dia 25.

Foi bonito ver os pequenos dançando à moda angolana e recitando poesia.

**FUTEBOL** — Em Malanje temos tido campeonatos de futebol a nível de zona. Já o ano passado ocupámos a segunda posição. O desporto é uma modalidade saudável para os jovens. No dia 24 estará previsto o arranque da segunda época; e o nosso clube carece de equipamentos e botas para esta época...

Valdemar

**16 DE JULHO** — Esta data nunca pode passar sem darmos por ela! Mais uma vez comemorámos o dia em que Pai Américo foi chamado para junto de Deus.

A Eucaristia foi uma maravilha, mais animada em relação a outras.

Estiveram presentes alguns antigos gaiatos com as esposas e os filhos.

Como não poderia deixar de ser, tivemos uma tarde recreativa espectacular.

**SEMINÁRIO** — Dois dos nossos rapazes vão ingressar no Seminário. Depois de muito tempo no nosso meio, vão deixar muitas saudades.

**ÁGUA** — Devido a uma avaria na moto-bomba, ficámos sem água nas torneiras. Agora, servimo-nos de uma bomba manual, que muito nos tem ajudado. O importante é que, aos poucos, tudo se vai superando.

Luís Alfere



## TOJAL

**CASAMENTO** — No dia 20 de Junho houve festa rija em nossa Casa, pelo casamento do Luís «Grande» e da São.

Ele está entre nós desde tenra idade. Cresceu no seio da nossa Família. Estudou, aprendeu a sua profissão e deixou de ser o Luisinho, centro das atenções e dos mimos de todos, para ser tratado por Luís Grande.

A cerimónia, humilde, nem podia ser de outra forma, se nós também o somos — e o próprio Luís.

Que a bênção de Deus esteja sempre presente neste casal, e eles continuem a testemunhá-lo com a sua presença, o seu exemplo, o seu carinho, são os votos da comunidade.

Fernando Pinto

## LAR DO PORTO

**CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS** — Estamos de férias, mas a nossa Conferência visita os Pobres. Estamos a ficar sem ajudas e, sem elas, não podemos ver todas as caras sorridentes quando os visitamos...

Sabemos que, presenteemente, no mundo, dois em cada três são subalimentados e que há milhões deles que nem abrigo nem escolas nem comida têm! Se não fizermos tudo para os salvar da miséria humana, Deus pedirá contas. A inconsciência e imaturidade dos povos privilegiados é assustadora! Deixam morrer de fome milhões de outros, aos

Casal vicentino

quais uma mão cheia de arroz salvaria da fome.

Nos últimos meses a correspondência dos Leitores foi pouca. Apenas temos para agradecer ao assinante 17991 um cheque de 25.000\$00. Informamos este senhor que temos os recibos prontos para enviar, mas falta-nos a sua direcção, em Cantanhede.

Amiguinha, de 85 anos, do Lar de Braga, 2.000\$00. Retribuímos o abraço.

Assinante 33275: agradecemos a sua carta, a oferta, e informamos que já enviámos o recibo.

Bem haja pelas ofertas e cartas carinhosas que nos enviam. Boas férias!

Conferência de S. Francisco de Assis — R. D. João IV, 682 — 4000 Porto.

## PAÇO DE SOUSA

**PRAIA DE AZURARA** — A malta do terceiro turno já regressou. Todos morenos, do Sol, e também muito contentes, pois uma parte deles nunca teve férias, especialmente à beira-mar.

**PISCINA** — Tem sido limpa regularmente para que a água também seja pura. Gostamos de tomar banho em água decente — uns bons mergulhos nas tardes quentes deste resto de Verão.

**VISITANTES** — Ultimamente, temos recebido muitos visitantes, muitas excursões de várias partes do País.

Nós somos a porta aberta! Toda a gente pode conhecer-nos sem precisar de pedir licença...

**CONTENTORES** — Foi mais um contentor para Malanje com leite e outros alimentos.

Estamos a preparar outro, em Lisboa, que também deverá levar produtos alimentares, roupas, etc.

**PADRE CARLOS E PADRE TELMO** — Consta que o nosso Padre Carlos regressará, brevemente, de Malanje, onde esteve a substituir o nosso Padre Telmo que descansou, por cá, cerca de um mês — longe da guerra...

Carlos Manuel «Teco»

## MIRANDA DO CORVO

**PRAIA** — As férias terminaram e a malta já se encontra em Miranda do Corvo.

Após longas paragens, temos que voltar à nossa vida, às actividades, ao trabalho. O descanso foi bom, mas a vida não é só férias. Para o ano haverá mais...

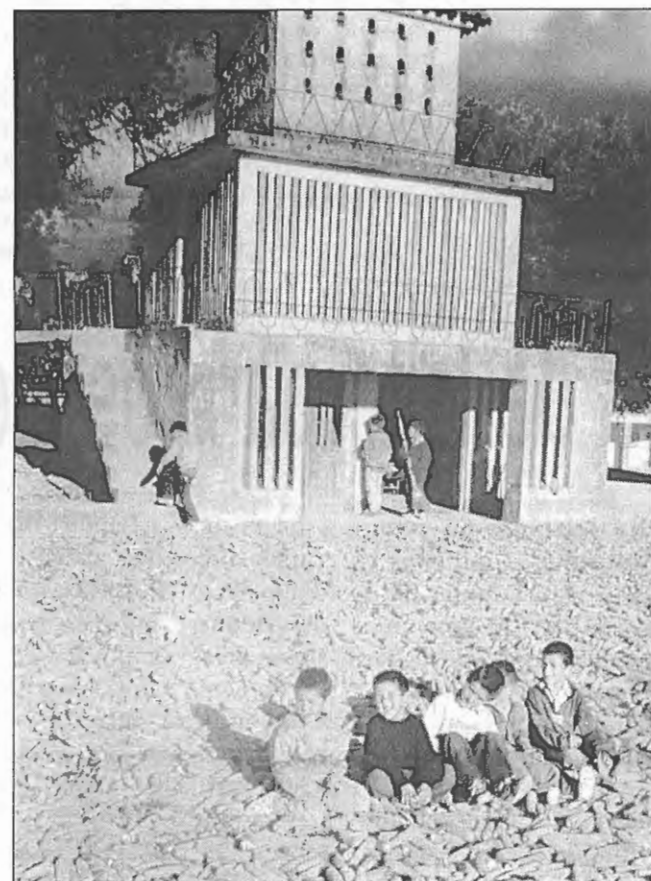
**CAMPO** — A batata, o feijão mocho, a cebola já foram colhidos.

O linho está bem desenvolvido porque anda a ser bem tratado e regado. Brevemente, estará pronto para a colheita.

Os mais crescidos andam a limpar os nossos pinhais para evitarmos problemas e perigos. O mato serve para fertilizar as terras.

**PISCINA** — A malta continua a ir, com muita frequência, à piscina. Após o trabalho, aproveita o fim do dia para uns mergulhos.

Domingos



Miranda do Corvo — o nosso milho acariciado pelos «Batatinhas».

Tiragem média d'O GAIATO, por edição, no mês de Agosto, 65.550 exemplares.



## PATRIMÓNIO DOS POBRES

## Tentativas de solução: bairros sociais

É sempre com muita alegria e esperança que tomamos conhecimento de tentativas de solução para o grande problema de falta de habitação no nosso País. Muitas autarquias têm construído habitações e, sobretudo, bairros sociais. Mas, parece-nos que estas tentativas não dão solução ao problema. Julgamos que só com um plano geral, onde o problema é mais acentuado, cada concelho o solucionará. Só assim nos parece que encontraremos solução capaz.

Ainda assim, há delas que mostram preocupação em resolver o problema. Há já alguma coisa feita e amostras de procura de solução.

A LEGRA-NOS saborear a acção e o testemunho oral de alguns autarcas. Parece estarmos a ouvir o seu testemunho. Queremos aqui deixar alguns para que os nossos Leitores se alegrem e saboreiem, também:



Os blocos agora habitados pelos abarracados

Um autarca, que o é há vinte e cinco anos, quer construir, já, mil habitações sociais até ao fim deste ano e desabafa: — *Temos consciência que fomos mais lentos do que alguns concelhos, nesta matéria. A Câmara optou por dispensar as mil casas por todo o município.*

Outro, também muito activo no seu concelho, afirma, na entrega de apartamentos: — *Estes são, com rigor, um complexo habitacional de qualidade e ainda com arquitectura contemporânea. A grande preocupação que temos não é a construção de habitação social de qualquer forma e feito. Nós queremos construir qualidade, mas também espero que as pessoas estimem as casas que lhes vamos entregar.*

Promete que as pessoas contempladas irão ser acompanhadas e contarão com o apoio dos serviços sociais da Câmara.

É doutrina completa. Não basta entregar casas. Poderá acontecer como já tem acontecido: As pessoas habitam e tratam as moradias como se continuassem a habitar as barracas onde viviam. Por isso, deverão ser acompanhadas e apoiadas.

Câmara de grande cidade afirma que cumprirá o compromisso de acabar com as barracas da cidade até 2001: — *O município tem em construção dois grandes empreendimentos em habitação social.*

Olhando para a foto que nos acompanha, recordamos os dois complexos de habitações para as centenas de famílias que foram desalojadas de um bairro de lata e zonas degradadas. As barracas já parecem ter desaparecido. Falta a esta já grande cidade, remodelar toda a zona da *Baixa* que há muito está à espera. Esperamos que sim.

Confiamos que estas tentativas sejam estímulo para outras onde a falta de habitações é urgente.

Padre Horácio

## PENSAMENTO

Não me atravesse nas portas para ganhar castelos.

PAI AMÉRICO

GOSTO da imagem do mar, do barco e dos remos. Benguela é uma cidade do litoral, banhada pelo mar. Vejo, muitas vezes, os barcos à vela, a pescar; também deslizam sobre o mar, tocados pelos remos.

Há dias, conversava com um pescador acerca dumas crianças que frequentam a nossa Casa do Gaiato, mas não residem nela. O pescador está ligado aos meninos. Não são filhos e quer libertar-se deles. Passa a maior parte do tempo no mar, durante o dia, porque os ventos são contrários e tem que remar contra a maré.

Esta conversa com o pescador, tida há vários dias, saltou-me no pensamento ao redigir estas notas. A vida, neste momento, é um

## BENGUELA

## Não estamos sós...

barco no mar encapelado. Se não tivermos cuidado, o medo apodera-se de nós. É o medo do futuro. É a falta de esperança. Deus nos livre que tal aconteça! A nossa vida tem que ser uma alternativa. Luz colocada sobre o alqueire. Remar contra a maré, é a nossa condição de agora.

Por onde quer que vamos, encontramos sempre multidões de crianças. Impressionou-me muito uma cena que presenciei, há dias, em nossa Casa. Tínhamos acabado de arrancar a batata

num dos nossos campos. As ruas, em volta, estavam pejudadas de gente, à espera de saltar o arame da vedação. Assim aconteceu, em pouco tempo. Centenas de corpos pequenos e mais crescidos, em avalanche incontrolável, cobriram o terreno à busca do restinho que ficou na terra. Olho para o espectáculo com um misto de compaixão e revolta. Que fazer? — interrogo-me. Salta ao meu pensamento, agora mesmo, a experiência que Jesus fez diante da multidão faminta,

na encosta do monte. Sentiu compaixão daquela gente que andava «*como ovelhas sem pastor*».

Deste modo, um dos momentos mais lindos da vida do agricultor que semeou, a hora da colheita transforma-se em hora triste. O produto é para distribuir, não é para amontoar. É, entretanto, uma gotinha de água no oceano imenso da miséria.

As crianças, nascidas e crescidas neste ambiente de degradação geral, ficam marcadas para largos anos

de vida. Sentimo-lo na nossa carne, com a maioria dos que são nossos. Por isso, a linguagem do pescador que tem que remar contra a maré, também é minha. Basta-nos saber a direcção do porto seguro. E sabemos-lo, pela Graça do Senhor Jesus. O caminho é longo e pesado.

Não estamos sós. Vejo e sinto outra multidão, de mãos dadas, a segurar a nossa vida.

Obrigado.

Padre Manuel António

## Uma Carta

## Enche a casa e o coração

«Já vai sendo hábito escrever quando alguém da 'minha família de sangue' ou 'do coração' (como costume chamar àqueles que me têm ajudado a caminhar) me revela determinadas preocupações sobre o 'Valor da Vida'.

Também vai sendo habitual reflectir sobre o tema e o dever que cada um de nós — cidadãos do Mundo, onde o poder e a guerra continuam, infelizmente, de mãos dadas — tem de dar a mão aos mais pequeninos e sofredores. Sempre que leio as vossas crónicas e os fortes testemunhos de vida d'O GAIATO que me enchem a casa e o coração!

Assinante 67395»

## Malanje

Continuação da página 1

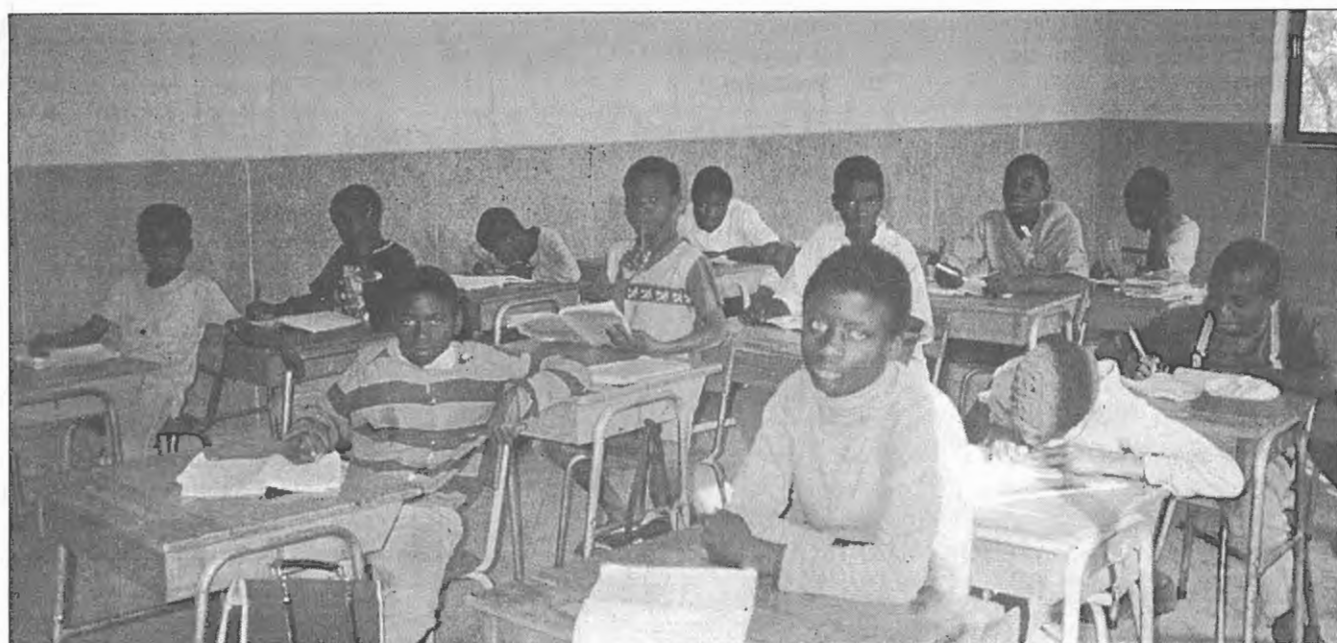
corações... Vestidos novos tirados da arca do Evangelho e que nós vamos vestir — em pleno dia, «luz no cimo do monte» — para que os homens gritem de novo: «*Vede como eles se amam!*»

Só o amor nos trará a paz, as políticas estão apodrecendo...

Já foi um contentor! Em Setembro irá outro! Todos os meses, um!

Basta que tu queiras — arrancando um pequeno mimo ao teu viver diário, sem medo de mostrar o teu «vestido novo» nas ruas da cidade.

Padre Telmo



Na Casa do Gaiato de Malanje (Angola), a Escola prepara os homens d'amanhã.



## ENCONTROS em Lisboa

# Uma história

NA nossa vida, a Eucaristia constituiu sempre um ponto de chegada e um ponto de partida. Ponto de chegada porque quando vamos celebrar, carregamos com tantos olhares que nos esperam, tantas mãos que precisam de um apoio e tantos corações ansiosos de uma palavra amiga. É o momento de pegarmos em tudo e, através de Jesus Cristo, o oferecermos a Deus nosso Pai. Mas a Eucaristia é também um momento de partida. Temos tempo para que a Palavra de Deus rejuvenesça o nosso olhar sobre o mundo e a vida. Temos igualmente tempo para sonhar, celebrando a Ceia do Senhor com a paz e fraternidade de toda a Humanidade sentada à mesa do Cordeiro. Isso dá-nos força para, no dia a dia, irmos contribuindo com um pouquinho que seja daquilo que sabemos e podemos.

Este domingo o sonho teve um sabor especial. Estava connosco o Padre Telmo. Presidiu à celebração. Para além do comentário à Palavra de Deus e, impulsionado por ela, deixou-nos uma história que já ouvi muitas vezes. Na sua boca, um homem que veio do cenário da guerra, da fome e da destruição, a história teve outro sabor. Fez-nos sonhar, deu-nos coragem para continuarmos a trabalhar e percebemos que podemos sempre fazer alguma coisa.

A história é mais ou menos a seguinte:

Num determinado país, como acontece sempre nas histórias, havia um rapaziño que se apercebeu que tinha o poder de fazer crescer as flores onde as não havia e, por isso, tornava as pessoas mais felizes. Foi passando por várias situações: Visitou o hospital e havia o sofrimento dos

doentes, mas viu que era triste o ambiente e, então, colocou flores nas salas e janelas. Os doentes viram e ficaram mais felizes ao contemplar a beleza das flores. Nas suas andanças o rapaziño passou por uma prisão e era o desespero e o desencanto geral. Fez surgir flores dos diversos recantos da cadeia. Os presos e os funcionários sorriram à vida e à esperança... A história continua até que um dia, no país do rapaziño, duas cidades vizinhas se tornaram inimigas e declararam guerra. O menino apercebeu-se que os canhões matavam as pessoas, mas a descoberta mais dramática foi verificar que era o seu pai que fornecia as armas às duas cidades. Nasceu a ideia de transformar as balas dos canhões e das metralhadoras em flores. Assim aconteceu. Quando todas as armas dispararam, de um lado e do outro,

sobre as cidades inimigas caiu uma chuva de flores. As pessoas, de contentes, deixaram de pensar na guerra e acharam que valia a pena fazer as pazes e viverem de mãos dadas... Assim termina a história...

Quando estava a ouvir, senti, pelo corpo fora, alguns arrepios. Se tudo isto pudesse ser verdade? O Padre Telmo, mergulhado no cená-

rio de guerra e destruição, sonhará com o dia das flores na terra de Angola. Espera que, da parte dos países ricos e do nosso, muito em particular, as armas enviadas aos dois contendores possam ser transformadas em alimentos, medicamentos, escolas e professores, instrumentos de trabalho para sulcar os férteis terrenos que aguardam que o homem os faça produzir.

Entretanto, continuaremos a celebrar a Eucaristia. A levar para lá todos estes sofrimentos e alegrias dos homens do nosso tempo e também a ir buscar o alento que não nos deixa cruzar os braços e que nos diz: — Vamos experimentar mais uma vez, vamos continuar.

Padre Manuel Cristóvão

## CALVÁRIO

# O pastor

DESDE criança foi pastor. Os pais morreram cedo e a sua companhia ao longo da vida era o rebanho de ovelhas pelos montes que circundavam a aldeia.

Não constituiu família e dedicou-se estoicamente a esta tarefa no rodar dos anos. Não conheceu outra ocupação e tornou-se ele próprio um ser fora do convívio humano — um eremita! Não acompanhou, pois, o evoluir do século. Parece que andou sempre ao contrário dos outros até ao homem primitivo. As forças foram-se sumindo lentamente e acabou no abrigo, onde o rebanho se acolhia pela noite.

Condoídos, os moradores da aldeia pedem-nos ajuda e o pastor vem para a nossa Casa.

De barba crescida, cajado na mão, boina puída na cabeça, parece um homem das cavernas. Só o rádio na mão o quer trazer para o nosso tempo, para o homem superior. Os antropólogos haviam de gostar de o entrevistar.

É tentação transpô-lo para os nossos dias e costumes. Mas isto não é fácil e leva tempo. Temo, na verdade, que ele não queira ou seja incapaz de o fazer. É um salto demasiado grande. É um esforço altamente esgotante passar a viver no nosso meio. Vamos tentando recuperá-lo, por todas as formas, mas não parece resultar.

No entanto, dá para reflectir este seu modo de ser.

Há nele um ar puro de singeleza que não deseja perder. Há nele valores, ignorados hoje, mas que nos fariam bem possuir nesta caminhada galopante em que andamos.

A sua liberdade perante o mundo, onde todos parecem presos a coisas que ninguém dispensa, a pessoas que influenciam e dominam, a situações que enredam e escravizam; o desapego de tudo quanto é vital para o homem moderno; a naturalidade como vive, sem ansia, sem medo nem aflição, num mundo onde tudo isto é uma constante — são valores que se perderam.



## Lançamento da quarta edição do 3.º volume do livro «Pão dos Pobres»

O *Pão dos Pobres* foi a primeira colecção que brotou da alma, da pena de Pai Américo, qual diário da sua vida de *Recoveiro dos Pobres*.

Há cinquenta anos, lembramos como se fosse hoje, na sua companhia distribuíamos estes livros por muita gente, em caminhos por ele seguidos como Mendicante: Termas, praias, igrejas, capelas, cinemas, teatros, associações... «Eu sou um Padre pobre, ao serviço duma Obra pobre...»

Lançada a Palavra quente e oportuna — de coração apaixonado por Cristo-Pobre — o livro era um complemento para que as pessoas reflectissem, «em suas páginas, a grandeza dos elementos que mais afligem o Mundo: Pobres e pão». Obra que, «em todos os sítios, é cartilha de Humanidade», acentua Pai Américo no prólogo do 4.º volume:

«Além de lidas na Imprensa e escutadas na Rádio, estas notas soltas hão-de formar, a seu tempo, (outro) volume do *Pão dos Pobres* para serem em todos os sítios cartilha de Humanidade. São as catorze *Obras de Misericórdia* inspiradas na força daquele Amor celeste que faz com que dentro do mesmo prato

comam em boa paz o cão, o gato, maior o rato.

E já agora que se fala no *Pão dos Pobres* — se ainda não tens, compra os volumes que andam em giro. Verás nas suas páginas a grandeza dos elementos que mais afligem o Mundo — Pobres e pão; e por eles podês julgar da vacuidade das tuas coisinhas, batendo no peito, de arrependido. Sai hoje a comprar. A hora que passa é tua. A que passou já não é. A que vem, não será. Ajuda os meus trabalhos que são justamente os trabalhos do Pobre que visito. Com a leitura destes livros vais deixar a daquelas que se ocupam de alicientes amores, caricaturas de infinitas vidas e talvez da tua — o teu retrato!

Anda, que comprar o *Pão dos Pobres* é o mesmo que dar pão aos Pobres.

*P. Américo*

Acaba de sair a 4.ª edição do 3.º volume, à ordem dos nossos Leitores, que pode ser requisitado por carta, telefone, fax, ou por mão própria. Bastam só tocar o sino!

Júlio Mendes

Ele vê que os homens desejam ajudá-lo, repartir com ele, integrá-lo no seu meio, fazer dele um igual ao comum dos outros, garantindo-lhe um futuro em segurança.

Mas o seu passado de sobrevivência diz-lhe que o futuro há-de ser igual à maneira como sempre viveu. Alguém o há-de ajudar onde for estando. Mudar de comportamento, não. Ele não aceita alterar o seu modo de viver.

Nós gostamos de talhar a medida do viver dos outros à nossa própria medida, ao nosso gosto, mas eles, por vezes, têm outros caminhos pela frente.

O pastor foi-se embora hoje para a sua terra e para o abrigo onde as ovelhas pernoitavam.

A noite caiu. O silêncio regressa. As aves recolheram à copa das árvores. Os doentes repousam nos leitões.

Vigio sem sono a pensar no pastor. Ele tem alguma razão para ser assim. E, sendo assim, é uma parábola viva e um sinal para o nosso mundo tão atarefado.

«As aves do Céu não semeiam, nem ceifam nem recolhem nos celeiros e o Pai celeste alimenta-as. Os lírios do campo! Nem Salomão se vestiu como um deles» — afirmava Jesus naquele tempo.

Tomar consciência da nossa dependência vitalícia do Alto afasta temores e angústias e dá-nos muita paz.

Padre Baptista

# África

Continuação da página 1

São os velhinhos e todos os «deslocados» pela guerra que o Governo manda para aqui ou para ali sem qualquer estrutura que os acolha, os quais aparecem por aí nestas manhãs de cacimbo muito frio, transidos depois de uma noite ao relento, sem mais do que farrapos a cobri-los nem as calorias de uma refeição que não tiveram. A gente tem vergonha, quase escrúpulo, de andar agasalhado e não poder ciciar com eles: «fome...»

Eu nunca tinha visto e me parece que, apesar de tantas desgraças destas pelo mundo, não se tem atingido a intensidade desta; a julgar, até, pela reacção de um alto Responsável de uma ONG muito habituado a tais vistas e que, chegado aqui, chorou.

Direitos Humanos! Tanto falatório, tantos congressistas ocupados com eles por esse mundo além! — Que é isso...?! Aqui soa a escárneo.

Dinheiro não falta para fazer a guerra. Nem faltaria para matar a fome, se não faltasse a Consciência para fazer a paz.

Padre Carlos